

Sub-35: Geração Já Fui

Ao longo do programa da *troika*, 87% dos empregos destruídos eram de trabalhadores com menos de 35 anos

MICAEL PEREIRA

Desde que, há três anos, a crise económica se acentuou e foi assinado um programa de ajustamento financeiro com o FMI, a Comissão Europeia e o BCE, 87% de todos os empregos destruídos em Portugal estavam antes ocupados por trabalhadores com menos de 35 anos. De acordo com uma análise do Expresso, a partir dos dados atualizados sobre emprego e desemprego do Instituto Nacional de Estatística (INE), 265 mil postos de trabalho perdidos entre o primeiro trimestre de 2011 e dezembro de 2013 — num universo total de 305 mil empregos a menos — correspondem aos dois primeiros grupos etários considerados para efeitos estatísticos. Isto é, entre os 15 e os 24 anos e entre os 25 e os 34 anos.

O peso da geração sub-35 no mercado de trabalho tem vindo a reduzir-se. No final de 2013, representava 27,6% do universo da população empregada. Há três anos eram 31%. A grande quebra no emprego para estas idades aconteceu durante 2012, quando em agosto entrou em vigor o novo Código do Trabalho, facilitando os despedimentos, sobretudo dos que têm menos antiguidade nas empresas.

Mais de 11% dos postos de trabalho ocupados por jovens sub-35 desapareceram num intervalo de apenas um ano, entre dezembro de 2011 e dezembro de 2012. Mais do dobro do que tinha acontecido em 2011 (menos 5%) e seis vezes mais do que veio a ser registado durante 2013 (menos 2,1%). Francisco Madelino, professor no ISCTE e presidente do Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP) entre 2005 e 2011, aponta como explicação o facto de "ser mais barato despedir quem tem menos anos de trabalho", agravado pela circunstância de o sector mais afetado ter sido o dos serviços, onde o peso dos jovens era maior.

Confrontado com os cálculos do Expresso, o ministro da Solidariedade, Emprego e Segurança Social reconhece que os jovens foram especialmente afetados pelo ajustamento do mercado de trabalho. "O Governo tem consciência das dificuldades", diz Pedro Mota Soares que, por isso, avançou com duas medidas: "A renovação extraordinária dos contratos a termo, na convicção de que seria preferível para os jovens as situações de extensão de um vínculo temporário ao desemprego" e "um investimento global de 1300 milhões de euros em respostas de educação, formação, inserção e emprego". Batizado Garantia Jovem, esse pacote de medidas entrou em vigor em janeiro deste ano e, segundo o ministro, já abrangeu 76 mil jovens, sendo que o Governo quer que cheguem aos 378 mil em 2015. O que significa uma boa parte da população destas idades.

Jovens e menos jovens?

Oficialmente, o emprego jovem refere-se ao grupo etário até aos 24 anos, mas Eugénio Rosa, economista do gabinete de estudos da CGTP, argumenta que isso faz cada vez menos sentido. "Uma parte importante da população com menos de 25 anos está a sair da universidade ou da formação. Penso que os 34 anos são uma idade mais ajustada para o limite da definição de emprego jovem, até porque nessa altura é que se está na plenitude das capacidades." E se é verdade que em termos relativos a erosão do mercado de trabalho foi maior para o grupo etário até aos 24 anos, com menos 23,2% do número de empregos durante a intervenção da *troika*, em termos absolutos são os que estão entre os 25 e os 34 anos que têm estado debaixo de fogo, com menos 189 mil postos de trabalho ocupados por trabalhadores com estas idades.

O efeito deste fenómeno tem sido o



A geração com menos de 35 anos tem vindo a ver reduzido o seu peso no mercado de trabalho FOTO NUNO FOX

êxodo maciço do país. "Os números do INE têm de ser vistos com alguma precaução, porque têm por base amostras da população, mas o que eles indicam confirma o que tem sido dito por outras fontes", assegura João Peixoto, investigador do ISEG especialista em emigração e que está envolvido num estudo sobre o fenómeno em todo o sul

da Europa. Nos últimos três anos, e de acordo com as estimativas do Observatório da Emigração, a crise está a levar cerca de 100 mil portugueses por ano a optar por emigrar e mais de metade estão entre os 15 e os 34 anos.

São estimativas, ainda assim, mais otimistas do que aquilo que os dados do INE mostram. O grosso da geração sub-

35 que saiu do mercado de trabalho, depois de ter engrassado num primeiro momento os números do desemprego, evaporou-se quer da população ativa quer da população inativa. Há menos 9% de jovens até aos 34 anos no país do que havia no final de 2010. Ou seja, menos 246 mil, num período em que a população total reduziu 1,5%. A sangria

ainda foi mais expressiva naqueles que têm entre 25 e 34 anos, que são hoje menos 11,4% do que eram antes da chegada da *troika* a Portugal.

Quebra da natalidade não explica

A influência da evolução da natalidade nos números é muito pequena, segundo Maria Filomena Mendes, presidente da Associação Portuguesa de Demografia e especialista no tema. "Temos de observar qual era a situação da natalidade do país há 20 ou 30 anos. Nessa altura a quebra era muito gradual. Só nos últimos anos é que estamos a assistir a uma quebra acentuada nos nascimentos", explica a professora da Universidade de Évora. Os que em 2011 tinham 15 anos nasceram em 1996, quando houve em Portugal 110 mil novos bebés, pouco menos do que os 116 mil de 1990. "A explicação para este rombo abrupto na população jovem está na emigração. Ainda não temos os dados do INE para a emigração em 2013, mas em 2011 e 2012 houve valores altíssimos."

Este êxodo não foi invertido no último ano, apesar de ter ocorrido uma inversão na população empregada, com mais 30 mil trabalhadores agora do que havia ao todo no final de 2013. "O aumento estrondoso da emigração permitiu um ligeiro aumento do emprego, principalmente das mulheres nas faixas etárias dos 35 aos 44 anos e dos 44 aos 65 anos", explica Ana Costa, investigadora no Observatório sobre Crises e Alternativas do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra. "São as que menos emigram." Francisco Madelino acrescenta que "o emprego criado é intensivo, mal pago e está mais relacionado com o turismo".

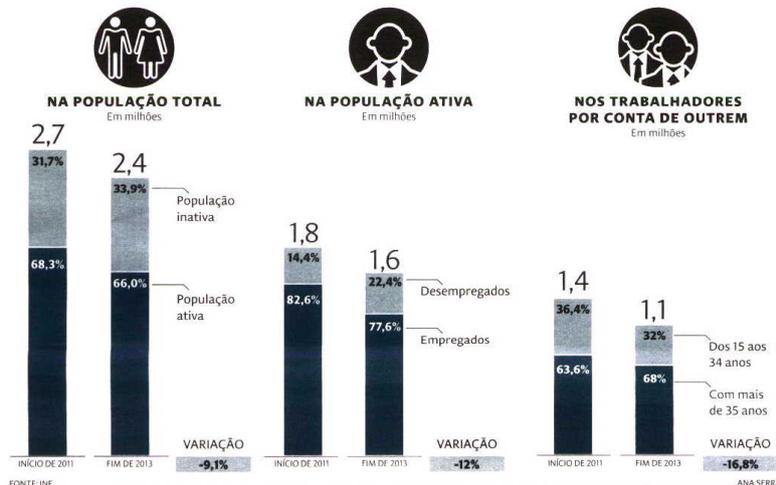
Ana Costa sublinha que, além disso, e para os sub-35, "o recurso à inatividade, através do prolongamento da educação, com a frequência de mestrados e doutoramentos, está cada vez mais dificultado, à medida que as famílias enfrentam mais restrições e as bolsas do Estado diminuem". Daí a emigração. A população inativa dos 25 aos 34 anos baixou 11,2% desde a chegada da *troika*.

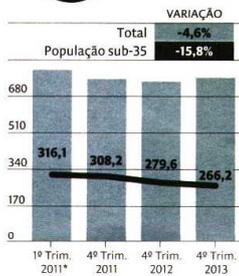
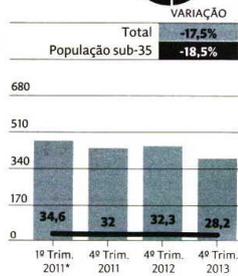
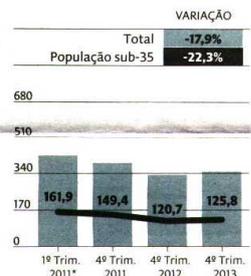
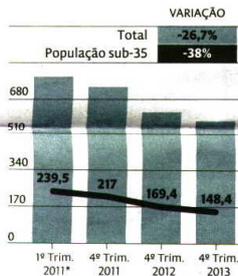
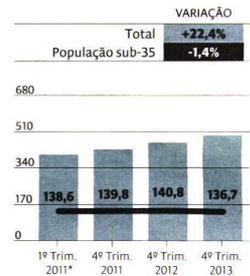
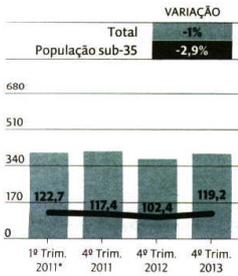
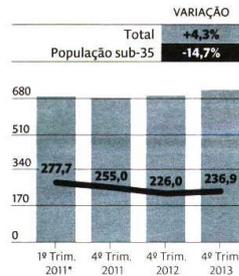
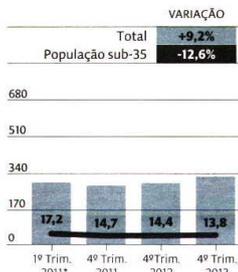
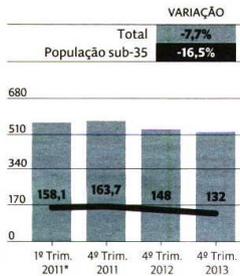
Por outro lado, embora os especialistas se inclinam para apontar a precariedade dos contratos de trabalho para justificar a desproporção nos despedimentos entre gerações de trabalhadores, isso não é confirmado pelas estatísticas. Em 2012 e 2013, três em cada quatro empregos ocupados por trabalhadores até aos 34 anos, e que foram extintos entretanto, correspondiam a contratos sem termo. Em 189 mil empregos perdidos entre dezembro de 2011 e dezembro de 2013, um total de 142 mil era de trabalhadores do quadro. Também aqui, no universo dos quadros das empresas, o peso da geração sub-35 é cada vez menor: no início de 2011 representava 40%, mas no final de 2013 já tinha baixado para os 32%. Mas mesmo nos contratos a prazo o seu peso é agora menor. Passou de 59,3% em 2011 para 56,6% atualmente. Nos contratos de prestação de serviços, a descida foi de 48,4% para 42%.

Por tudo isto, a descida da taxa de desemprego, de um pico de 17,7% no primeiro trimestre de 2013 para 15,3% no final do ano, não pode ser vista como a inversão de um ciclo, avisa José Castro Caldas, investigador no CES. "Estamos a assistir a uma taxa de desaparecimento da população jovem só comparável à Letónia." Apesar de Portugal ter tido a maior quebra da taxa de desemprego na zona euro, Francisco Madelino esclarece que isso aconteceu porque "a emigração reduziu o *stock* de desempregados". O ex-presidente do IEFP não tem dúvidas: "Só vai haver uma verdadeira criação de emprego quando a economia portuguesa crescer 1,5% ou 2% durante alguns anos. Parece-me que vai demorar."

mperreira@expresso.imprensa.pt

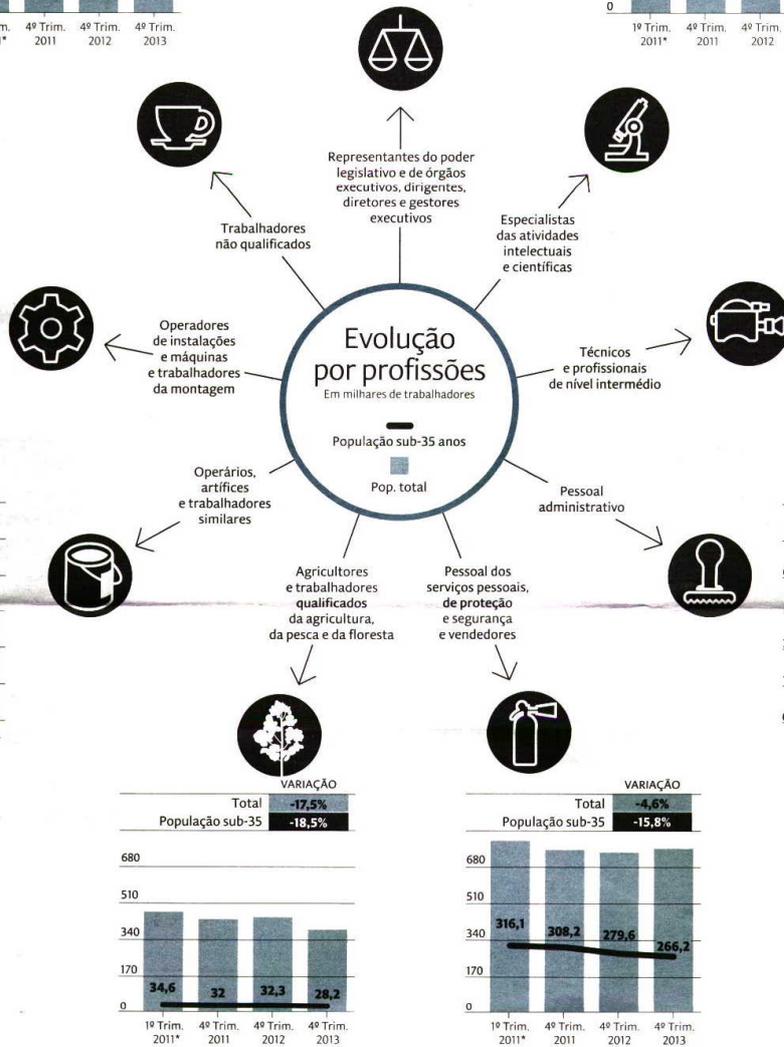
Onde está a geração dos 15-35 anos?





* A comparação homogênea com o último trimestre de 2010 seria incorreta porque os métodos estatísticos mudaram neste período

FONTE: INE



Engolidos pela Banana Azul

É para a Banana Azul (o eixo Manchester-Milão) que os jovens da Europa do Sul estão a emigrar. Para onde ainda são precisos

Há teorias sobre o nome. A mais popular diz que foi um ministro francês a lembrar-se da banana numa conferência e, depois, um artista acrescentou-lhe o azul. Na palestra que deu em março no ISCTE-IUL, em Lisboa, sobre as novas dinâmicas de emigração nos países periféricos do sul da Europa, o académico Russell King contou que o termo se deve ao modo como a mancha concentrada de luzes azuis se vê do espaço. Em formato banana.

Quer seja referido como Espinha Dorsal da Europa ou apenas,

na versão mais geográfica, Eixo Manchester-Milão, o conceito foi inventado em 1989 e é para lá — para o corredor urbano mais industrializado do Velho Continente — que os novos fluxos de emigrantes da Grécia, Itália, Espanha e Portugal se estão a dirigir. Para Inglaterra, Alemanha, Suíça, Bélgica, Holanda, França e norte de Itália.

“Sentem-se atraídos como se houvesse uma força magnética a puxá-los”, descreve King, um geógrafo que dirige o Centro de Investigação da Migração da Universidade de Sussex, no Reino Unido, e que há várias décadas se dedica a estudar o como e porquê de os povos do Sul emigrarem tanto. “Estão a ir para as grandes metrópoles, para o

megacore da Europa, onde há procura de mão de obra qualificada. Neste momento, existem sete milhões de desempregados com menos de 25 anos nos países periféricos do Sul. Faz lembrar o que se passava dantes com o movimento de pessoas, dentro dos seus países, do campo para a cidade.”

Russell King ressalva que, apesar de “o senso comum atribuir o regresso destes fluxos de emigração na Europa do Sul, depois das vagas dos anos 60, à crise financeira de 2008, há na verdade duas crises a ocorrer em simultâneo”. Para lá dos constrangimentos sociais provocados pelas dívidas soberanas e pelos programas de ajustamento, “há uma crise mais estrutural, que vem de trás e tem que ver com a forma como as sociedades estão organizadas nestes países, com esquemas patriarcais, onde os mais velhos têm o poder e há um domínio das relações familiares e pessoais, bloqueando o acesso dos mais novos ao mercado de trabalho”.

Durante a conferência internacional sobre emigração por-

tuguesa contemporânea organizada pelo ISCTE, e onde Russell King estava incluído como orador, foi revelado um estudo com números que acentuam o efeito centrípeta da Banana Azul.

Espanha era até há poucos anos o país preferido dos emigrantes portugueses, mas o cenário mudou com a crise financeira e os destinos de topo passaram a alinhar com o Eixo Manchester-Milão. Em primeiro lugar está agora o Reino Unido (sobretudo Londres), seguido da Suíça e da Alemanha.

Crise desencoraja regresso

Com base nos dados do sistema de segurança social britânico, a investigadora Cláudia Pereira conseguiu constatar que houve 30 mil portugueses a emigrar para o Reino Unido só em 2013, mais 50% do que no ano anterior e mais do dobro do que em 2011. Um terço desses emigrantes tem formação superior (acima da média nacional, que ronda os 12%). Segundo outra investigadora, Joana Azevedo,

que também esteve presente na conferência do ISCTE, no universo de emigrantes qualificados há um domínio das engenharias. O que pode tornar Portugal elegível para a classificação simplista dada pela revista “The Economist” a uma nova geração em circulação pela Europa: canalizadores polacos, apanhadores de fruta romenos, arquitetos italianos e engenheiros espanhóis.

As estatísticas dizem é muito pouco sobre o futuro. Na sua palestra, King recordou que, ao longo do século XX, a cada vaga de emigração correspondeu uma vaga de regresso aos países de origem. Há dúvidas, no entanto, sobre se esse regresso se irá repetir a seguir a esta nova vaga de mão de obra mais qualificada. Há tendências históricas, mas não existem fórmulas matemáticas para aplicar no futuro o que se viu no passado. “A crise, e se a crise for longa pior, desencoraja o regresso. A não ser que as razões para voltar sejam não-económicas. Se for para se reformarem. Ou por nostalgia.”

O PARADOXO ALEMÃO

PRIMEIRO NA OFERTA
A Alemanha é o país da Europa que mais precisa de importar mão de obra qualificada (não só engenheiros, mas também pedreiros, mecânicos e outros técnicos especializados). Até 2025, o país vai perder 6,5 milhões de trabalhadores que terão de ser substituídos.

TERCEIRO NOS DESTINOS
Apesar disso, a Alemanha é apenas o terceiro país mais procurado pelos portugueses para trabalharem. Em 2012, houve 9 mil emigrantes a ir para a Alemanha, contra 14 mil que foram para a Suíça e 20 mil para o Reino Unido. Há uma razão óbvia: a língua.

ÚLTIMO NA NATALIDADE
É o país mais rico da Europa, mas onde nascem menos bebés (por mil habitantes).